



O jornal diário dos ancepianos.
16 de maio- 8h30

CNPJ POR PLANO: GT SE REÚNE E ESTABELECE CRONOGRAMA PRELIMINAR



Reunido ontem (15), o Grupo de Trabalho ad Hoc de CNPJ por Plano constituído pela ABRAPP, no qual a ANCEP está representada por seu Presidente, Roque Muniz Andrade, definiu um cronograma preliminar de trabalho: a ideia é até por volta de 10 de junho encerrar a fase durante a qual os integrantes do GT apresentarão as suas contribuições em termos de análise de riscos, das experiências acumuladas, do estudo das cisões havidas e dos precedentes. registrados.

Feito isso, os membros do GT trocarão informações em uma reunião provavelmente telefônica, seguida de outra presencial em julho ou agosto para tratar da minuta da instrução normativa que virá na sequência da resolução de 2018, aquela que instituiu o CNPJ por plano mas não foi ainda regulamentada.

Na reunião dessa quarta-feira ficou ainda mais claro para os integrantes do GT não existirem motivos de fato para se temer que a adoção do CNPJ por plano vá trazer um aumento nas despesas. Membros do grupo observaram, por exemplo, estarem identificadas através de estudos ao menos quatro alternativas para o não pagamento do ITBI - Imposto de Transmissão de Bens Imóveis, ao mesmo tempo em que a não geração de pagamento de uma obrigação (permanente) mensal junto à B3 (Bolsa).

Desafios 2019: seminário será apresentado em Belo Horizonte na próxima semana

Maior mobilização permite prever um grande público presentes à próxima apresentação do seminário “**DESAFIOS EFPCs 2019: Investimentos e Solvência**”, que acontecerá no dia 21 de maio, no auditório da Fundação Libertas, em Belo Horizonte. O evento será uma ótima oportunidade para estarmos conversando sobre a provável fusão Previc/Susep e a Resolução 4.661 em seus novos contextos.

E lembrando que o seminário já foi um grande sucesso em fevereiro e março, em cinco capitais: Porto Alegre, Recife, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.

O foco do evento estará direcionado em boa parte para a avaliação na sustentabilidade do sistema, algo que no fundo é o que mais interessa saber nesse momento.

Previc indica taxa administrativa de fundos de pensão em declínio

A taxa de administração média dos fundos de pensão ficou em 0,82% em 2018, segundo levantamento que será divulgado hoje pela Previc, notícia o **VALOR ECONÔMICO**.

Mas, voltando ao jornal, o estudo, que está na oitava edição levou em conta dados de 255 entidades, em um total de 1.027 planos. Na última edição, a taxa de administração média ficou em 1,31%, confirmando a tese do setor de que a tendência é que os custos caiam, com as fundações em busca de ganhar mais eficiência.

O estudo mostra que, à medida que o porte da fundação aumenta, os valores diminuem. Para instituições com ativos totais de até R\$ 100 milhões, o custo médio foi de 2,3%, e as com recursos acima de R\$ 15 bilhões, de 0,3%. A Previ, fundação dos funcionários do Banco do Brasil e maior fundo de pensão do país, tem um custo de 0,16% - atrás apenas da Banesprev, do banco Santander, que tem taxa de 0,13%. as maiores taxas são de entidades de servidores recém criadas.

O objetivo do cálculo, segundo Fábio Coelho (foto), diretor-superintendente substituto da Previc, é oferecer subsídios para que os participantes e a sociedade possam cobrar melhores serviços, com redução de custos. Para ele, com vistas à maior concorrência, o setor pode ser estimulado a se inovar. Assim, um processo de consolidação entre as entidades de menor porte é esperado, já que elas acabam tendo despesas maiores pela menor escala. O ano de 2018 terminou com 296 fundos de pensão ante 304 em 2017, e o processo deve se acelerar.

"A viabilidade operacional dos fundos de pensão se dá por meio de escala. Isso tem uma consequência muito clara para o setor. Todo o rebalanceamento regulatório, com mudanças nas regras de investimento, instituição dos comitês de auditoria, tudo isso coloca, de certa maneira, um custo regulatório que não é facilmente absorvido por algumas entidades", diz Coelho.

Nesta tendência de consolidação, em especial as fundações de médio porte estão se organizando como o que Coelho chamou de "hubs de planos de benefícios". "Isso já vale, por uma especificidade, para os planos de servidores públicos, as Funpresps e SP-Prevcom, que já estão em articulação com Estados", afirma.

Fundos de pensão enfrentam impacto dos juros menores sobre o retorno de seus investimentos

A queda das taxas de juros (**ver matéria abaixo**) obrigará os fundos de pensão a buscar formas de compensar os ganhos menores na renda fixa assumindo mais riscos, mas isso não será suficiente, alertam especialistas. Em algum momento, será preciso mexer nas contribuições pagas pelos participantes e pelas empresas, ou reduzir o valor a ser pago como benefício no futuro, registra o **PORTAL SOS PETROS**.

Além disso, o aumento dos custos para gerir mais investimentos de risco e novas exigências regulatórias resultarão em estruturas maiores que tendem a incentivar a concentração desses fundos, um processo de consolidação como o que ocorreu com os bancos.

As novas exigências dos reguladores, como a Resolução 4.661 do Conselho Monetário Nacional (CMN) provocarão mudanças nas estruturas dos fundos de pensão. Essas fundações, criadas pelas empresas para oferecer complementação para a aposentadoria de seus funcionários, precisam agora ter estruturas mais complexas para controlar riscos e decisões, afirma Marise Theodoro da Silva Gasparini, presidente da Enerprev. "E nem todas as empresas mantenedoras aceitam cobrir os custos dessas estruturas maiores", afirma.

A saída para as fundações de menor porte, que não conseguem ter esses controles, é evitar aplicações de maior risco, diz Marise. "Não aplicamos em fundos imobiliários, ou em fundos de recebíveis (Fidcs) e nem em fundos no exterior", explica. Ao mesmo tempo, a fundação procura ativos de maior liquidez e evita ter muitos gestores para não precisar de controles maiores. "Isso sem contar na mudança do perfil dos participantes, já que nas novas gerações, não há mais o desejo de passar a vida toda na mesma empresa", lembra Marise.